

PRÁTICAS DA  
HISTÓRIA

JOURNAL ON THEORY, HISTORIOGRAPHY,  
AND USES OF THE PAST

N.º 11 - 2020



Traduzir “o que ainda não  
compreendo.”

Um diálogo com  
*Provincializing Europe*

---

Manuela Ribeiro Sanches

*Práticas da História*, n.º 11 (2020): 125-141

[www.praticasdahistoria.pt](http://www.praticasdahistoria.pt)

## **Manuela Ribeiro Sanches**

### **Traduzir “o que ainda não compreendo.” Um diálogo com *Provincializing Europe***

---

Propõe-se uma abordagem a *Provincializing Europe*, a partir da prática da tradução, conceito também central na referida obra, para se assinalar o modo com essa prática e esse conceito podem constituir um ponto de partida para uma leitura empática das “ambiguidades” que atravessam o texto, salientando-se o modo como este oscila e dialoga com tanto com os universais, herdados do legado iluminista, como com a particularidade dos mundos locais, ambos transfigurados, enriquecidos, por essa justaposição. Num segundo momento, ensaiam-se algumas breves notas contrapontísticas, com base seja na correspondência entre Chakrabarty e Amitav Ghosh, seja em algumas reflexões propostas por Siegfried Kracauer em *History. The Last Things before the Last*.

Palavras-chave: Tradução; diálogo; Luzes e pós-colonialidade; universais e particulares.

---

### **Translating “that which I do not already understand.” A dialogue with *Provincializing Europe***

The essay proposes an approach to *Provincializing Europe*, drawing on the practice of translation, a central concept in the mentioned volume, so as to emphasise the way in which this practice and concept may offer a productive departing point for an empathic reading of the “ambiguities” that characterise the text, namely the way in which it oscillates and dialogues both with Enlightenment universals and the particularities of local worlds, that are thereby transfigured, enriched, by means of this juxtaposition. In a second moment, some brief contrapuntal notes are rehearsed, drawing on the correspondence between Amitav Ghosh and Chakrabarty on *Provincializing Europe*, as well as some reflections by Kracauer in *History. The Last Things before the Last*.

Keywords: translation; dialogue; Enlightenment and post-coloniality; universals e particulars.

# Traduzir “o que ainda não compreendo.” Um diálogo com *Provincializing Europe*

Manuela Ribeiro Sanches\*

“Onde dois seres se encontram separados por um abismo total, não há ponte que leve à compreensão de um a outro e, para se compreenderem reciprocamente, têm de já se ter compreendido em outro sentido.”

Wilhelm von Humboldt.”<sup>1</sup>

“Um dos prazeres mais subtis de se envelhecer é o de se compreender o verdadeiro sentido do provérbio árabe ‘ad-dunia wasa’a’, ‘o mundo é grande.’ Ser capaz de compreender e apreciar ideias que são diferentes das nossas é um dom em si mesmo: procurar o acordo é realmente vão, uma vez que – enfrentemo-lo – a maior parte das vezes é bem difícil concordarmos connosco mesmos.”

Amitav Ghosh<sup>2</sup>

\* Manuela Ribeiro Sanches (msanches@campus.ul.pt). Instituto de História Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Av. de Berna, 26 C, 1069-061, Lisboa.

1 “Where two beings are separated by a total gap, no bridge of understanding extends from one to the other; in order to understand one another they must have in another sense, already understood each other.” Wilhelm von Humboldt, “The Task of the Historian.” Citado por Dipesh Chakrabarty, *Provincializing Europe. Postcolonial Thought and Historical Difference* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2008 [2000]), 109. “Wo zwei Wesen durch gänzliche Kluft getrennt sind, führt keine Brücke der Verständigung von einem zum anderen, und um sich zu verstehen, muß man sich in einem anderen Sinne schon verstanden haben.” Wilhelm von Humboldt, “Die Aufgabe des Geschichtsschreibers,” in *Humboldts ausgewählte philosophische Schriften*, hrsg. von Johann Schubert (Leipzig: Felix Meiner Verlag, ca. 1933), 81-99, aqui p. 91.

2 “One of the subtler pleasures of growing older is that one comes to understand the true meaning of the Arabic saying, ‘ad-dunia wasa’a’; ‘the world is wide’. To be able to understand and appreciate ideas that are different from one’s own is a gift in itself: to look for agreement is really futile since – let us face it – much of the time, it’s quite a struggle even to agree with oneself.” Amitav Ghosh e Dipesh Chakrabarty, “A Correspondence on *Provincializing Europe*,” *Radical History Review* 83 (spring 2001): 146-172, aqui 169, aqui 166.

“Podemos não concordar em tudo. Mas sei que, mesmo quando estou em desacordo, a pressão dos teus pensamentos continuará a agir sobre mim. E, um dia, poderei ver algumas das coisas, partilhar a tua paixão, ou ser mais capaz de ver através dos teus olhos. Algo de semelhante poderá acontecer-te. Mesmo que eu nunca chegue a esse ponto, saber que alguém que respeito discorda de mim, entrelaçará o que penso e como o penso. Há um fragmento de uma frase de Heidegger que continua a intrigar-me: ‘ouvir aquilo que ainda não compreendo.’ Muitas vezes, ao ouvir alguém, tento decifrar aquilo que esta injunção poderá significar efetivamente na prática. Não estou absolutamente certo, mas ela como que opera como um horizonte ético para mim.”

Dipesh Chakrabarty<sup>3</sup>

## 1. Tradução e diálogo

Permitam que inicie este diálogo com *Provincializing Europe* com um pequeno excuro autobiográfico. Foi no ano de 2003 que, ao organizar um volume com o objetivo de divulgar, em Portugal, algumas tendências daquilo a que se convencionou chamar de perspectiva pós-colonial<sup>4</sup> – mas que reunia contributos que em muito excediam o horizonte do que na altura era designado de estudos pós-coloniais no mundo anglófono –, tomei conhecimento de *Provincializing Europe*.

A leitura da obra foi uma revelação e provocou em mim uma espécie de vertigem.<sup>5</sup> Perder o pé, experimentar a desorientação, não equi-

<sup>3</sup> “You and I may not agree on everything. But I know that even when I disagree, the pressure of your thoughts will keep acting on me. And one day I may see some of the things you see, share your passion or be better able to see through your eyes. Something similar may happen to you. Even if I never get to that point, the knowledge that someone I respect disagrees will lace what I think and how I think it. There is a fragment of a sentence from Heidegger which continues to intrigue me: ‘to hear that which I do not already understand. There is a fragment of a sentence from Heidegger which continues to intrigue me: ‘to hear that which I do not already understand.’ Often in listening to someone, I try to work out what this injunction may actually mean in practice. I am not absolutely clear but it kind of works as an ethical horizon for me.” Ghosh e Chakrabarty, “A Correspondence,” 169.

<sup>4</sup> Manuela Ribeiro Sanches, org., *Deslocalizar a Europa. Antropologia, Arte, Literatura e História na pós-colonialidade e Portugal não é um país pequeno. Contar o ‘Império’ na pós-colonialidade* (Lisboa: Livros Cotovia, 2005).

<sup>5</sup> Vertigem que ecoava a desorientação em que me encontrava, na altura, deslocada na Costa Oeste americana, que me dava a ver não o mundo ocidental, as Américas a que a minha posição geográfi-

valeu a abdicar da tentativa de ganhar o equilíbrio, optando-se, antes, por negociar sentidos e aceitar os desafios que questionavam, de forma subtil, a herança iluminista em que me revia, *ma non troppo*, educada a reconhecer a dialética inerente a todos os processos de racionalização e o modo como a racionalidade também pode ser transformada em mito destruidor de qualquer emancipação.<sup>6</sup>

Negocieei esses sentidos, traduzindo, em sentido literal, um dos capítulos do livro de Chakrabarty, na esperança de que as teorias viajassem,<sup>7</sup> não sem os seus equívocos, domesticações ou radicalizações, transformações essas que essa tarefa me ia dando a ver, através desse processo hermenêutico que todo o ato de tradução constitui, revelando o que se compreende e o que fica por compreender, levando-nos a refletir não só sobre a língua que não é a nossa, mas também sobre aquela que habitamos, com maior ou menor conforto, em função do lugar e momento em que nascemos e vivemos.

Não terá sido por acaso que selecionei o capítulo “Histórias de minorias, passados subalternos,” um dos textos mais enigmáticos, em meu entender, de *Provincializing Europe*, o que em mim provocou justamente a impressão de estar “ouvir aquilo que não compreend[ia] ainda.”<sup>8</sup> Traduzir não equivalia, neste caso, a que a correspondência exata emergisse, a uma forma (iluminista?) de “transparência,” nem tão pouco a “incomensurabilidades,” mas antes ao emergir de uma forma de “translucidez,”<sup>9</sup> a iluminar, foscamente, a relação entre línguas e

ca me habituara, mas o Oriente que esse novo Ocidente anunciava, vertigem que se vinha também plasmar num sentimento de “desocidentalização” que descobrira partilhar com outros ocidentais. Veja-se James Clifford, “Notes on Travel and Theory,” *Inscriptions* 5 (1989), consultado em 4 de Junho de 2020 <https://culturalstudies.ucsc.edu/inscriptions/volume-5/james-clifford/>.

6 Ver, como será óbvio, Max Horkheimer e, Theodor W. Adorno, *Dialektik der Aufklärung: philosophische Fragmente* (Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1983 [1944]) ou Max Horkheimer, *Zur Kritik der instrumentellen Vernunft. Aus den Vorträgen und Aufzeichnungen seit Kriegsende*, hrsg. Von Alfred Schmidt (Frankfurt am Main: Fischer Verlag 1990 [1985]).

7 Não é por acaso que o volume se inicia com o texto “Reconsiderar a teoria itinerante” de Edward W. Said, também uma referência central no texto de Clifford acima citado. Edward W. Said, “Reconsiderando a teoria itinerante.” trad. Manuela Ribeiro Sanches, in *Deslocalizar a ‘Europa.’ Antropologia, arte, literatura e história na pós-colonialidade*, org. Manuela Ribeiro Sanches (Lisboa: Livros Cotovia, 2005), 25-42.

8 Ghosh e Chakrabarty, “A Correspondence on *Provincializing Europe*, 169.

9 Chakrabarty, *Provincializing Europe*, 17.

conceitos, dando assim a ver tanto a estranheza das propostas do texto que traduzia quanto a das minhas referências, que, assim, adquiriam novos contornos.

Dito de outro modo, traduzir implica tentar compreender um texto, na certeza de que a transparência nunca será total, sem sequer a tentar alcançar, num esforço por manter essa estranheza, essa “translucidez”<sup>10</sup> que, precisamente, nos desafia e interpela a pensar para além dos nossos limites. Mais, ao permitir que a diferença surja nesse processo, a tradução permite que as narrativas europeias de “transição” – aquelas que rejeitam que a maior parte da humanidade tenha de aguardar pacientemente, na “antecâmara, na “sala de espera da história,”<sup>11</sup> pelo seu momento de emancipação – possam ser substituídas, completadas por modos mais plurais de contar o passado e o mundo que todos habitamos.

Com efeito, como o próprio Chakrabarty escreve, o projeto de provincializar a ‘Europa’ não equivale a uma rejeição dessa entidade imaginada, mas antes a um esforço de tradução entre o pensamento ‘europeu,’ com as suas categorias analíticas, universais, e as “histórias não-ocidentais,” a “diversidade dos mundos-de-vida humanos,” através de uma abordagem “hermenêutica, afetiva, ligada intimamente a lugares e a modos particulares de vida.”<sup>12</sup>

O que Chakrabarty propõe ao longo desse texto é precisamente a conjunção entre opostos que, à partida, teriam de se excluir reciprocamente – Marx e Heidegger serão um dos exemplos possíveis –, conjunção disjuntiva, que não prevê qualquer dialética de opostos a resolver segundo a melhor tradição hegeliana, mas antes se compraz numa “tensão permanente, num diálogo entre dois pontos de vista contraditórios,”<sup>13</sup> tensão que não desfaça, nem deslace, esses dois termos, segundo o princípio da exclusão, invalidando, assim, a possibilidade de uma ligação precária, translúcida, entre ambos.

10 Chakrabarty, *Provincializing Europe*, 17.

11 Chakrabarty, *Provincializing Europe*, 8-10.

12 Chakrabarty, *Provincializing Europe*, 18.

13 Chakrabarty, *Provincializing Europe*, 254.

Para Chakrabarty, trata-se de indagar acerca da possibilidade de “manter unidas abordagens secularistas-historicistas e não-secularistas e não-historicistas do mundo, levando a sério a questão dos modos diversos de ‘ser-no-mundo’<sup>14</sup> “não tendo de se rejeitar nem Marx nem a ‘diferença,’”<sup>15</sup> reconhecendo-se “a necessidade ‘política’ de se pensar em termos de totalidades,” desestabilizando, ao mesmo tempo, o pensamento totalizante, recorrendo a categorias não-totalizantes.”<sup>16</sup>

Em suma, trata-se de dar a ver o modo como “o pensamento europeu é, ao mesmo tempo, tanto indispensável quanto inadequado para nos ajudar a refletir sobre as experiências da modernidade política em nações não-ocidentais,” pelo que “provincializar a Europa se transforma na tarefa de explorar o modo como este pensamento - que agora é legado de todos e nos afeta a todos - poderá ser renovado a partir das margens e em favor delas.”<sup>17</sup> Essa tensão pode também constituir um ponto de partida para se pensar a “possibilidade de uma política e de um projeto de aliança entre as histórias metropolitanas dominantes e os passados subalternos periféricos,”<sup>18</sup> substituindo as narrativas de transição que o legado colonial disseminou, mesmo entre os (ex)colonizados, por um ato de tradução - esse ato necessariamente “obscuro,”<sup>19</sup> com o seu quê de “escandaloso,”<sup>20</sup> mas tanto mais “imperativo,”<sup>21</sup> quanto é ele que permite dar a ver os limites desses universais seculares, impostos, interiorizados, assimilados, embora também contestados, em contextos coloniais.

Tal procedimento também pode ser descrito como eminentemente dialógico, multivocal, em que a diversidade de vozes e histórias são justapostas, sem esconder tensões, mas também interdependências.

14 Chakrabarty, *Provincializing Europe*, 21.

15 Chakrabarty, *Provincializing Europe*, 95.

16 Chakrabarty, *Provincializing Europe*, 21-22.

17 Chakrabarty, *Provincializing Europe*, 16.

18 Chakrabarty, *Provincializing Europe*, 42.

19 Chakrabarty, *Provincializing Europe*, 86.

20 Chakrabarty, *Provincializing Europe*, 89.

21 Chakrabarty, *Provincializing Europe*, 90.

Ora, esse procedimento dialógico – não o quero designar de método – também se plasma na escrita de Chakrabarty, no modo subtil como apresenta, nunca esgrime, os seus argumentos, usando da persuasão e de um raciocínio demorado e minucioso,<sup>22</sup> pouco habitual na escrita académica, necessariamente apressada – aquela a que nos habituámos em tempos de publicação ou de perecimento, – permitindo, assim, ao leitor, o acompanhamento da argumentação em diálogo com um pensamento cristalino, mas particularmente complexo, com os seus momentos de opacidade e de translucidez, que a tradução do referido capítulo me levou particularmente a apreciar.

Traduzir, em sentido mais restrito e lato, *Provincializing Europe* possibilitou-me uma reflexão sobre o modo de articular uma ideia de racionalidade fundadora dos direitos humanos, da justiça social, com outros modos de se estar no mundo, com a diferença, uma diferença a ser não ‘tolerantemente’ ‘incluída,’ mas reconhecida, em termos de uma igualdade efetiva, como parte igual nesses processos de emancipação política, económica e social, que, entretanto, eu viera a saber terem-se concretizado de modo efetivo não só na Europa e na sua ‘grande revolução,’ mas também na Revolução haitiana, que, num gesto de apropriação, de “gratidão anticolonial,”<sup>23</sup> provincializara e radicalizara as promessas das Luzes. Ou seja, teorias e práticas viajavam<sup>24</sup> e adquiriam novos sentidos, através de um processo de tradução da modernidade, que assim deixava de poder ser reduzida a um mero processo de transição.

Modernidade que, por isso mesmo, não pode ser entendida – como muitos dos seus críticos ainda insistem em postular – como exclusivamente ‘europeia’ ou ‘ocidental, para se poder reconhecer – o que aprendi também com Chakrabarty – que ela faz parte “da herança global”

22 Veja-se, por exemplo, o modo como escreve repetidamente “if my argument is right,” assim criando como que um diálogo com o leitor implícito, admitindo as suas reservas, convidando-a à distância crítica, mas tentando persuadi-lo a um tempo. Chakrabarty, *Provincializing Europe*, 4, 67, 69, 109.

23 Chakrabarty, *Provincializing Europe*, 255.

24 Said, “Reconsiderando a teoria itinerante.”

– não universal<sup>25</sup> – de todos os pensadores pós-coloniais.” Pois “sem eles” – sem esses ideais, sem esses pensadores pós-coloniais – não haveria nem “ciência social” – nem alianças comuns que possam “aborda[r] as questões da justiça social moderna.”<sup>26</sup> E, enquanto herdeira de um passado colonial e da sua violência intrínseca,<sup>27</sup> só posso subscrever a complexidade, também irónica, a “gratidão anticolonial,”<sup>28</sup> deste texto escrito com uma elegância sofisticada que dificilmente se verte para o português.

## 2. Na melhor tradição enciclopedista ou uma *adda* virtual

Ora, terá sido precisamente esta complexidade que terá levado a leituras que não dão conta da subtileza dos argumentos expandidos em *Provincializing Europe* e que levaram a nele decifrar<sup>29</sup> formas de nativismo quase fundamentalista ou de relativismo cultural, posições que o próprio Chakrabarty antecipa no texto.<sup>30</sup>

Isto tanto mais surpreendente se torna quando se considera a relação, ambígua, a um tempo distante e próxima, com a tradição iluminista, universalista. É essa tradição que, no texto, é convocada nas suas múltiplas manifestações, desde Stuart Mill a Marx, onde Chakrabarty lê uma tensão entre uma história 1, evolucionista e universalista, e uma história 2, local e particular. Marx é lido em conjunção com Heidegger,

25 Lembre-se a distinção entre globalização e universalização que Chakrabarty estabelece. Chakrabarty, *Provincializing Europe*, 71.

26 Chakrabarty, *Provincializing Europe*, 5.

27 Frantz Fanon, *Les damnés de la terre* em *Œuvres* (Paris: La Découverte, 2011 [1961]), 419-681.

28 Chakrabarty, *Provincializing Europe*, 255.

29 Com efeito, *Provincializing Europe* tem dado azo a acusações de nativismo acrítico, um pouco à semelhança de *Orientalismo* de Edward W. Said, também este frequentemente lido como representando um maniqueísmo que o texto precisamente pretende desmontar. Como exemplo dessas leituras, de resto, frequentemente apressadas, veja-se Jean-Loup Amselle no livro com o expressivo título *L'Occident décroché. Enquête sur les postcolonialismes* (Paris: Stock, 2008) onde acusa, entre outros, Chakrabarty desse pecado, censurando-o também por um relativismo cultural que, com razão, a antropologia tem vindo há muito a desmontar e de que outro livro de Amselle, *Logiques métisses*, é um exemplo, se não mesmo um clássico. Estranha leitura esta que parece decorrer menos de uma leitura atenta, hermenêutica, o que requer um momento de constituição de um horizonte de entendimento comum prévio como o próprio Chakrabarty lembra, citando Humboldt, como se o leitor recuasse, receando qualquer contaminação.

30 Chakrabarty, *Provincializing Europe*, 83.

no recurso a teorias habitualmente tidas por incompatíveis, mas que aqui são justapostas num ato de tradução provocadoramente filológico, dialógico, dando lugar a uma pluralidade de visões comunicáveis entre si, menos mediante uma razão observadora, do que de processos de identificação inesperados.<sup>31</sup>

Ora, existe um belíssimo diálogo entre Chakrabarty e o escritor-antropólogo Amitav Ghosh<sup>32</sup> em torno de *Provincializing Europe* que, pese embora a importância dada à diferença, torna este apego ao legado universalista, o liberal ou o marxista, tanto mais evidente e em que o ato de tradução dialogante é um momento decisivo.

Estamos em dezembro de 2000, e Ghosh, que nunca se cruzou com Chakrabarty, embora possuam amigos comuns, escreve-lhe um longo email, depois da leitura de *Provincializing Europe*. Saudando a importância do livro e o modo como ele lhe permitiu ter uma perspectiva renovada sobre a sua experiência pessoal, Ghosh não deixa de, numa prova de respeito pelo texto e pelo seu autor, introduzir algumas objeções que fundamenta longamente. Uma delas, porventura, a mais relevante – pelo menos na minha perspectiva – prende-se com o modo como Chakrabarty recorre a John Stuart Mill, e ao seu ensaio *On Liberty*, sem que, por um só momento, refira o facto de o autor desse manifesto liberal ter sido um representante de um império, cujo poder assenta, como mais à frente Ghosh vem a argumentar, numa visão eminentemente racializada do mundo enquanto um dos seus principais instrumentos de dominação, elemento que o escritor estranha não surgir devidamente destacado no texto.<sup>33</sup>

Chakrabarty responde-lhe da Austrália, onde se encontra para acompanhar o filho, gravemente doente, de um modo menos substanciado do que Ghosh, pois, como escreve, não pôde imprimir o email, embora o tenha descarregado.<sup>34</sup> Reconhecendo as afinidades entre a sua

31 Refiro-me aqui ao capítulo “Two Histories of Capital,” in *Provincializing Europe*, 47-71.

32 Ghosh e Chakrabarty, “A Correspondence”, 146-172.

33 Ghosh e Chakrabarty, “A Correspondence,” 148.

34 Ghosh e Chakrabarty, “A Correspondence,” 150.

obra e a de Ghosh, que diz admirar e ensinar aos seus alunos,<sup>35</sup> Chakrabarty lembra o modo como o iluminismo permitiu “a universalização de diferentes versões de igualdade, o que permitiu que se acusasse o colonizador de se contradizer a si mesmo”,<sup>36</sup> para destacar que que o racismo funcionou de modo diferente no território indiano e noutras colônias – como será o caso, por exemplo, da Austrália, que lhe é mais familiar –, salientando o modo como ele teria sido menos violento e discriminador na Índia, na sequência de hierarquizações da espécie humana que viam nos orientais manifestações mais desenvolvidas, mas sempre imperfeitas, do processo civilizacional,<sup>37</sup> cadeia evolucionista própria daquilo que se convencionou designar de ciência do homem ou de história da humanidade desde finais do século XVIII.

Seguem-se longas missivas, sobretudo por parte de Ghosh, que insiste na questão de a ‘raça’ estar no âmago de todo o projeto colonizador, mesmo quando matizada ou obnubilada por outros fatores, insistindo que as hierarquizações existentes na Índia, tais como as divisões entre castas e religiões, teriam sido de uma outra ordem, e que todo o projeto iluminista não pode ser dissociado desse racismo que lhe será inerente. E sublinha a correlação estreita entre Luzes e ‘missão civilizadora,’ ‘raça’ e racismo, vendo em todo o legado iluminista uma forma malsã de evolucionismo.<sup>38</sup> Não esquece ainda de mencionar o modo como, na Índia, os próprios colonizados interiorizaram essas novas hierarquias e discriminações aprendidas com o colonizador.<sup>39</sup>

Interessante é, neste debate, além do tom dialogante, a lembrar os diálogos elegantemente polémicos dos enciclopedistas – pensemos em Diderot, por exemplo<sup>40</sup> – ou os debates nos *adda*,<sup>41</sup> o modo como Chakrabarty se apega aos ideais iluministas, salientando precisamente

35 Ghosh e Chakrabarty, “A Correspondence,” 150.

36 Ghosh e Chakrabarty, “A Correspondence,” 154-155.

37 Ghosh e Chakrabarty, “A Correspondence,” 155-156.

38 Ghosh e Chakrabarty, “A Correspondence,” 156 ss.

39 Ghosh e Chakrabarty, “A Correspondence,” 159-160.

40 Veja-se, por exemplo, *Le neveu de Rameau* e *Supplément au Voyage de Bougainville*.

41 Ver o capítulo VII de *Provincializing Europe*, “*Adda: A History of Sociality*”, pp. 180-213, que Ghosh diz ter lido com “especial prazer.” Ghosh and Chakrabarty, “A Correspondence,” 147.

a sua “ambiguidade,”<sup>42</sup> o que Ghosh reconhece, mas entende não ser apenas característico das Luzes, mas de muitas, se não a maior parte das tradições filosóficas.<sup>43</sup> E acrescenta que essa ambiguidade serviu menos para libertar do que para ludibriar os colonizados,<sup>44</sup> ao que Chakrabarty responde, espicaçado, que “baseado na sua leitura, que admite ser superficial, das suas próprias tradições,” continuaria a defender que o “iluminismo – em combinação com o capitalismo – foi algo de especial. Foi especial no modo como ajudou a transformar a ‘igualdade’ numa categoria universal da vida secular, permeando todos os aspetos da atividade humana, introduzindo-a em todas medidas gerais da troca.”<sup>45</sup> E invoca, para o efeito, a história 1, conceito que desenvolvera no capítulo VII de *Provincializing Europe* sobre as duas histórias do capital, para sublinhar o modo como, parafraseando, Marx “a lógica da mercadoria só pode ser praticada – e assim tornada visível – numa sociedade em que a ideia da igualdade humana atingiu a fixidez de um preconceito popular [...]”<sup>46</sup> E acrescenta ainda que, se é verdade que a moderna ideia de ‘raça’ pode ser associada à ciência moderna, o mesmo se pode dizer do modo como esta última pode também incluir “formas de conhecimento modernas tais como a sociologia, a antropologia, a demografia, etc. que os governos e as instituições usam quotidianamente.”<sup>47</sup>

Dito de outro modo, pressionado pelas críticas de Ghosh, o autor de *Provincializing Europe* enfatiza o que, para ele, poderá ser inadequado, mas não pode ser dispensado, no que diz respeito às Luzes e ao seu legado, a que há que, como escreve também na obra, recorrer, reconhecendo os seus limites e possibilidades, na tentativa de escrever “uma história diferente da razão.”<sup>48</sup>

Ora, tentar escrever “uma história diferente da razão” equivale não a negar, mas a pensar uma razão que, mesmo que presumida como

42 Ghosh e Chakrabarty, “A Correspondence,” 155

43 Ghosh e Chakrabarty, “A Correspondence,” 156

44 Ghosh e Chakrabarty, “A Correspondence,” 158.

45 Ghosh e Chakrabarty, “A Correspondence,” 164.

46 Ghosh e Chakrabarty, “A Correspondence,” 164.

47 Ghosh e Chakrabarty, “A Correspondence,” 164.

48 Chakrabarty, *Provincializing Europe*, 236.

transcendental, não se limite a um “modo universalmente idêntico de se ser humano”,<sup>49</sup> pelo que tentar contar outras histórias, que deem lugar e não apaguem a diferença, corresponde a lutar contra o tempo, vazio, homogêneo, evolucionista, aquilo a que Chakrabarty designa de historicismo.

Para tal, há que incorporar não só a dimensão afetiva dos mundos-de-vida a que estamos ligados localmente, mas também o desejo eminentemente modernista, voluntarista – decisionista, chama-lhe Chakrabarty – de se construir a partir do nada, momento inaugural que preside a todo o ato revolucionário, segundo Arendt,<sup>50</sup> a que corresponde, também, a *tabula rasa* de que Fanon falava relativamente a uma descolonização efetiva.<sup>51</sup> Mas este “decisionismo” terá de ser articulado com o anacronismo, por forma a que sejam possíveis “tanto a liberdade da história quanto a liberdade de respeitar aspetos da tradição considerados úteis para construir o futuro desejado,”<sup>52</sup> a fim de se superar “o ressentimento para com o pensamento europeu”.<sup>53</sup>

\*\*\*

Não pretendem este conjunto de reflexões lançar qualquer nova luz sobre o pensamento de Chakrabarty, nem tão pouco a sua defesa acrítica. Aquilo que, finalmente, aqui se apresenta são antes ruminacões, porventura um pouco ensimesmadas, em tempo de retiro pandémico, que não nos pode, porém, roubar o desejo de pensar, num esforço por compreender um texto que, na sua complexidade, não convida a sínteses fáceis. Daí estas deambulações possíveis, em espiral, que

49 Chakrabarty, *Provincializing Europe*, 236.

50 Ver, por exemplo, o capítulo “Ideology and Terror” em Hannah Arendt, *The Origins of Totalitarianism* (Nova Iorque: Houghton Mifflin Harcourt, 1962 [1958]), 460-479. E, numa versão, em que apenas parcialmente me revejo, os passos em que Arendt associa as revoluções ao início de uma ação em *On Revolution* (Londres: Penguin, 1990).

51 Fanon, *Les damnés de la Terre*.

52 Chakrabarty, *Provincializing Europe*, 247.

53 Chakrabarty, *Provincializing Europe*, 248--249.

também poderiam ser descritas como variações musicais em busca de uma polifonia, que possa ir para além de um mundo dividido em legados ‘ocidentais’ ou ‘orientais,’ na atenção ao imbricado que também caracteriza os nossos modos de habitar um mundo, mesmo em tempos de isolamento forçado. O que não significa que eles não deixem de ser mais ou menos desiguais, assim replicando, mais uma vez, a violência das heranças coloniais. Também nas antigas metrópole de onde escrevo.

Esperando que estas rumações ensimesmadas em torno de *Provincializing Europe* possam constituir um convite à sua (re)leitura. E tradução.

### 3. Notas finais, inconclusivas

Numa nota final, a última do livro, Chakrabarty cita uma outra nota da autoria de J. L. Mehta no seu livro *Martin Heidegger: The Way and the Vision* (Honolulu: University of Hawaii Press, 1976), que, por sua vez, cita o Heidegger tardio, ao dizer que “o estar em casa é também sempre uma questão de se regressar a casa, ou seja, de viagem e de errância.”<sup>54</sup>

São estes pequenos alçapões no texto, habilmente escondidos em notas finais, que nos dão a ver outras perspetivas sobre mundos que julgávamos familiares, o mundo traduzido assumindo, agora, uma forma de “translucidez” que nos permite ver o que julgávamos conhecido com outros olhos,<sup>55</sup> ajudando-nos, também na Europa, a ir para além de ideias feitas sobre a filosofia do ‘sangue’ e do ‘solo,’ a que Heidegger também pode, e com razão, ser associado.

Mais uma nota: retomando o método contrapontístico de Edward Said,<sup>56</sup> que requer que coloquemos em diálogo vozes que poderão não parecer as mais óbvias, ensaiando a dissonância que a comparação mais ousada tanto mais justifica, quero aqui evocar um outro texto por demais esqueci-

<sup>54</sup> Chakrabarty, *Provincializing Europe*, 298.

<sup>55</sup> Helmuth Plessner, *Mit anderen Augen: Aspekte einer philosophischen Anthropologie* (Estugarda: Reclam, 1982).

<sup>56</sup> Edward W. Said, *Culture and Imperialism* (Londres: Vintage, 1994 [1993]).

do de Siegfried Kracauer, *History. The Last Things before the Last*<sup>57</sup>. Num passo com surpreendentes afinidades com o pensamento de Chakrabarty, Kracauer, fiel à sua crítica do historicismo, que partilhava, de resto, com Walter Benjamin, de quem foi amigo e colaborador próximo, fala da história como antecâmara, espaço intermediário,<sup>58</sup> característica que partilharia com a fotografia.<sup>59</sup> Com efeito, em ensaio anterior, Kracauer já chamara a atenção para essa afinidade,<sup>60</sup> a que regressaria neste último texto publicado postumamente. Para Kracauer, quer a realidade histórica, quer a fotográfica podem ser definidas como uma “antecâmara,” pois “não se emprestam a serem abordadas de um modo definitivo.”<sup>61</sup> Os materiais a que a história acede escapam ao pensamento sistemático, próprio do pendor universalizante da filosofia, não podendo ser configurados como uma obra de arte. Se a fotografia não deve ser interpretada como arte, também a história não passa de mera opinião, o que equivale a que ambas tenham de abdicar de qualquer *telos*, habitando, antes, um lugar efêmero, uma antecâmara, que dá a ver “as coisas penúltimas,” mas não a finalidade, o fim em si mesmo, “as coisas últimas” (“*the ultimate things*”).<sup>62</sup> Dizer isto equivale, para Kracauer, a incorporar aquilo que de transiente existe no mundo exterior, redimindo-o, assim do esquecimento.<sup>63</sup> Contra aquilo que define como a tentação seja das abordagens transcendentais, seja das imanentistas ao passado, Kracauer opta por uma “área intermediária.”<sup>64</sup> O que “requer que [os historiadores e outros residentes inveterados de antecâmaras] reconheçam a importância possível das verdades filosóficas com a sua pretensão a uma validade objetiva (o que exclui Heidegger e a sua safra existencialista) e que, ao mesmo tempo, tenham consciência das suas limitações em termos de caráter absoluto e poder controlador (aquele que exclui qualquer posição

57 Siegfried Kracauer, *History. The Last Things before the Last. Completed after the Death of the Author by Paul Oskar Kristeller* (Princeton, NJ: Markus Wiener Publishers 1995).

58 Kracauer, *History*, 211.

59 Kracauer, *History*, 191.

60 Siegfried Kracauer, “Die Photographie,” in *Das Ornament der Masse. Essays. Mit einem Nachwort von Karsten Witte* (Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2017 [1977]), 21-39.

61 Kracauer, *History*, 191.

62 Kracauer, *History*, 191.

63 Kracauer, *History*, 192.

64 Kracauer, *History*, 211.

ontológica definitiva). A ambiguidade é essencial nesta área intermediária.” Dos historiadores é, assim, requerido um “esforço constante” a fim de fazer face às “necessidades em conflito com que se deparam a cada curva da estrada” que percorrem. A braços com uma “situação precária que os convida a apostar em absolutos, com todo o tipo de ideias quixotescas sobre a verdade universal,” esses seres de antecâmara revelam afinidades com Sancho Pança, esse “homem livre, [que] acompanhou filosoficamente Don Quixote nas suas cruzadas, porventura, por um sentido da responsabilidade, delas obtendo, finalmente, um imenso e edificante entretenimento até ao fim...” Esta definição da autoria de Kafka, citado por Kracauer, corresponderia a uma utopia, não ao “ainda não” de Ernst Bloch, por demais ou tão só historicista, acrescentaria, na senda de Chakrabarty, mas a uma utopia dos “entre-lugares – uma terra incógnita nos vácuos entre as terras que conhecemos.”<sup>65</sup>

Não poderá ser esta uma outra forma de se pensar o “ainda não” que Chakrabarty rejeita no historicismo, opondo-lhe uma localidade menos enraizada do que a do mundo provinciano e, finalmente alheio ao mundo político, de Heidegger<sup>66</sup>? Poder-se-ia, com Enzo Traverso,<sup>67</sup> ver nessa antecâmara de Kracauer, como na sala de espera de Chakrabarty, uma representação hiper-realista dessa espécie de não-lugar,<sup>68</sup> versão americanizada e modernista de um *lounge* e ou de um *lobby*, a anunciar a condição pós-moderna. Prefiro ler nelas menos a “ambiguidade” do nómada universal, que no século passado tanta tinta fez correr, do que a expectativa de um tempo, porventura não totalmente novo, mas feito de inesperados, um tempo menos messiânico do que aquele que Benjamin e Kracauer, este com mais modéstia e menos fragor, previam. Mais um estar em casa, feito de regressos e de errâncias, do que uma expansão infinita em nome de civilizações destruidoras.

65 Kracauer, *History*, 216-217.

66 No ensaio “Heidegger the Fox,” in *Essays in Understanding. 1930-1954*, ed. Jerome Kohn (Nova Iorque: Harcourt & Brace, 1994), Hannah Arendt utiliza uma fábula inspirada em Esopo para apontar para os perigos do enredamento heideggariano em construções teóricas, assim se tornando vítima das suas próprias armadilhas.

67 Enzo Traverso, *Siegfried Kracauer, itinéraire d'un intellectuel nomade* (Paris: La Découverte, 1994).

68 Traverso, *Siegfried Kracauer*, 187.

Permita o leitor que teve a paciência de acompanhar estas ruminções só mais uma pequena nota final, nesta conclusão inconclusiva, já demasiado longa.

Curiosamente, na sua correspondência com Chakrabarty, Gosh sublinha um paralelismo entre indianos e judeus Ashkenazy, que teriam experimentado o ódio de si mesmos, perguntando como se terão sentido Paul Celan ou Walter Benjamin ao usarem – magistralmente – de uma língua que os rejeitava e ao mesmo tempo lhes pertencia.<sup>69</sup> Comentário que lembra Jean Améry – esse outro grande mestre da língua alemã –, ao descrever o momento de estranho reconhecimento que experimentou, quando, durante o seu período de clandestinidade – pouco antes da prisão que o haveria de levar ao Forte de Breendonk, onde seria torturado pela Gestapo –, reconhece nas ameaças de um membro das tropas de ocupação nazi a intimidade do dialeto da sua região natal.<sup>70</sup>

O que muito nos poderia dizer acerca das línguas maternas e do modo como, em contextos de violência discriminadora, elas nos podem recusar o conforto e a segurança por que optei ao escrever este texto. Em português.

69 Ghosh e Chakrabarty, “A Correspondence on *Provincializing Europe*,” 160.

70 Jean Améry, “Wieviel Heimat braucht der Mensch?,” in *Jenseits von Schuld und Sühne. Bewältigungsversuche eines Überwältigten* (Munique: Szczesny 1966), 74–101, aqui 82.

**BIBLIOGRAFIA**

- Améry, Jean. “Wieviel Heimat braucht der Mensch?” In *Jenseits von Schuld und Sühne. Bewältigungsversuche eines Überwältigten*, 74–101. Munique: Szczesny, 1966.
- Amselle, Jean-Loup. *L’Occident décroché. Enquête sur les postcolonialismes*. Paris: Stock, 2008.
- Arendt, Hannah. “Heidegger the Fox.” In *Essays in understanding 1930-1954*, editado por Jerome Kohn, 361-362. Nova Iorque: Harcourt & Brace, 1994.
- Arendt, Hannah. “Ideology and Terror.” In *The Origins of Totalitarianism*, 460-479. Nova Iorque: Houghton Mifflin Harcourt, 1962 [1958].
- Arendt, Hannah. *On Revolution*. Londres: Penguin, 1990.
- Chakrabarty, Dipesh. *Provincializing Europe. Postcolonial Thought and Historical Difference*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2008 [2000].
- Clifford, James. “Notes in Travel and Theory.” *Inscriptions* 5 (1989), consultado em 4 de Junho de 2020. <https://culturalstudies.ucsc.edu/inscriptions/volume-5/james-clifford/>
- Fanon, Frantz, “Les damnés de la terre”, 419-68. In *Œuvres*. Paris: La Découverte, 2011 [1961].
- Ghosh, Amitav e Dipesh Chakrabarty. “A Correspondence on *Provincializing Europe*.” *Radical History Review*, 83 (Spring 2002): 146-172.
- Horkheimer, Max e Theodor W. Adorno, *Dialektik der Aufklärung: philosophische Fragmente*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1983 [1944].
- Horkheimer, Max. *Zur Kritik der instrumentellen Vernunft. Aus den Vorträgen und Aufzeichnungen seit Kriegsende*. Hrsg. von Alfred Schmidt. Frankfurt am Main: Fischer Verlag 1990 [1985].
- Humboldt, Wilhelm von. “Die Aufgabe des Geschichtsschreibers.” In *Humboldts ausgewählte philosophische Schriften. Hrsg. von Johann Schubert*, 81-99. Leipzig: Felix Meiner Verlag, ca. 1933.
- Kracauer, Siegfried. “Die Photographie.” In *Das Ornament der Masse. Essays*. Mit einem Nachwort von Karsten Witte, 21-39. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2017 [1977].
- Kracauer, Siegfried. *History. The Last Things before the Last. Completed after the death of the author by Paul Oskar Kristeller*. Princeton, NJ: Markus Wiener Publishers 1995.
- Plessner, Helmuth, *Mit anderen Augen: Aspekte einer philosophischen Anthropologie*. Estugarda: Reclam, 1982.
- Said, Edward W. *Culture and Imperialism*. Londres: Vintage, 1994 [1993].
- Said, Edward W. “Reconsiderando a teoria itinerante.” Tradução de Manuela Ribeiro Sanches, 25-42. In *Deslocalizar a ‘Europa.’ Antropologia, arte, literatura e história na pós-colonialidade*, organizado por Manuela Ribeiro Sanches. Lisboa: Livros Cotovia, 2005.
- Sanches, Manuela Ribeiro, org. *Deslocalizar a Europa. Antropologia, Arte, Literatura e História na pós-colonialidade*. Lisboa: Livros Cotovia, 2005.
- Traverso, Enzo, *Siegfried Kracauer, itinéraire d’un intellectuel nomade*. Paris: La Découverte, 1994.

**Referência para citação:**

Sanches, Manuela Ribeiro. “Traduzir “o que ainda não compreendo.” Um diálogo com *Provincializing Europe*.” *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 11 (2020): 125-141.